



A gestalt-terapia chega ao Brasil: recepção e desenvolvimento inicial

Gestalt-Therapy comes to Brazil: reception and initial development

Cristiane FerreiraEsch
Ana Maria Jacó-Vilela

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Resumo

A Gestalt-Terapia surge nos EUA no ano de 1951 e chega ao Brasil no início da década de 1970. O presente artigo tem como objetivo apresentar a história e o desenvolvimento da Gestalt-Terapia no Brasil. Para tanto, aborda a recepção dessa abordagem psicoterapêutica em nosso país, considerando os elementos históricos que permitiram sua chegada, sobretudo o contexto sócio-político e a situação da psicologia como ciência e profissão na década de 1970. Discorre ainda sobre o desenvolvimento inicial desta abordagem no Brasil, apresentando sua difusão, crescimento e consolidação enquanto teoria e prática psicoterápicas. Por fim, assinala a expansão dos princípios gestálticos para outras áreas da psicologia, o que justifica a designação recente do termo abordagem gestáltica.

Palavras-chave: história; gestalt-terapia no Brasil; abordagem psicoterapêutica

Abstract

Gestalt therapy emerged in the USA in 1951 and arrived in Brazil in the early 1970s. This paper aims to present the history and the development of Gestalt therapy in Brazil. To this end, it addresses the reception of such psychotherapeutic approach in our country, considering the historical factors which enabled it, especially the socio-political context and the situation of Psychology as a science and a profession in the 1970s. It also presents the early development of this approach in Brazil, with its spread, growth and consolidation as a psychotherapeutic theory and practice. Finally, the article marks the expansion of Gestalt principles in other areas of Psychology, explaining the recent designation of the term gestalt approach.

Keywords: History; Gestalt-Therapy in Brazil; psychotherapeutic approach

Introdução

Considera-se que a Gestalt-Terapia surge nos EUA como uma nova abordagem em psicoterapia no ano de 1951, com a publicação do livro *Gestalt-Therapy: excitement and growth in the human personality*, de autoria de Fritz Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline. Pode-se pensar, contudo, que o caminho trilhado por seu principal idealizador, Fritz Perls e por sua esposa Laura Perls, anos antes, já anunciava



a possibilidade de surgimento de um novo entendimento e método para a psicoterapia. Neste sentido, é de fundamental importância a publicação por Perls, em 1942, do livro *Ego, Hunger and Agression: a revision of Freud's theory and method*, em que expõe suas discordâncias com a psicanálise.

Em relação ao livro de tripla autoria que deu origem à Gestalt-Terapia, Fritz Perls associou-se a Goodman para ser editor do livro, porém diante da tarefa que lhe foi delegada, Goodman não apenas sistematizara as propostas e manuscritos de Perls, mas fizera uma releitura e ampliação dessas ideias, tornando-se o principal responsável pela construção teórica do livro, e assim co-autor do trabalho. Perls, por sua vez, incumbiu-se de repaginar e ampliar os exercícios práticos que constituíram a segunda parte do livro, juntamente com Ralph Hefferline. A associação de Perls a Goodman tem sido assim, considerada como uma cisão inicial da Gestalt-Terapia (Belmino, 2018).

É somente na década de 1960, favorecida pelo movimento de contracultura, que a Gestalt-Terapia alcança certa notoriedade e popularidade nos EUA¹. Já na década de 1970 a Gestalt-Terapia chega ao Brasil em meio a um momento político conturbado que foi a ditadura militar.

O fato da Gestalt-Terapia tanto em solo americano quanto no brasileiro ter surgido embalada pelo movimento de contracultura nos diz muito sobre a proposta deste método de psicoterapia. Nesse sentido, a Gestalt-Terapia caminhou contrariamente às propostas que visavam uma adaptação ou ajustamento, considerando o conflito entre indivíduo e sociedade genuíno. Ao partir da interação e influência recíprocas do campo organismo-ambiente, deixa de localizar apenas no indivíduo a necessidade de mudança, lançando um olhar e considerando as exigências e imposições sociais, no jogo contínuo de forças atuantes na interação indivíduo/sociedade.

A Gestalt-Terapia tem como ponto central uma visão relacional da natureza humana. A experiência humana ocorre na fronteira entre o organismo e o ambiente e este campo de ação e função, além de físico, é também social, com uma história e uma cultura. Estes aspectos formam uma unidade, e não podem ser considerados isoladamente dos outros ou do todo.

É importante registrar que, juntamente com a Gestalt-Terapia, chegam ao Brasil, no mesmo período, outras terapias, denominadas "alternativas", como as

¹ É digno de nota que Paul Goodman seja considerado um grande ideólogo dos movimentos de contracultura nos EUA e ainda partidário do movimento anarquista.



psicodramáticas e as neo-reichianas, combatendo o monopólio exercido pela prática psicanalítica no âmbito da área clínica².

Para se compreender o que tornou possível a difusão de tais práticas, especificamente a da Gestalt-Terapia em nosso país, é necessário descrever, ainda que rapidamente, o cenário sócio-político, bem como econômico-cultural brasileiro, além da situação da psicologia face a este cenário, o que passaremos a fazer neste momento, concentrando esta análise nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Entendemos que este cenário é que possibilitou a recepção da Gestalt-terapia e as formas que assumiu entre nós. Assim, este artigo sintetiza, inicialmente, o contexto do Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, para em seguida se deter numa apresentação também sintética da psicologia neste período e, finalmente, descrever a emergência e a constituição da Gestalt-terapia. Trata-se, deste modo, de uma proposta de história contextualizada, qual seja, uma narrativa histórica em que a relevância dos acontecimentos em uma determinada disciplina bem como sua interpretação decorrem de uma perspectiva que os considera impregnados pelo espaço e tempo em que ocorrem.

Por outro lado, para averiguar a história da Gestalt-terapia entre nós, foi realizada primeiramente, uma pesquisa bibliográfica percorrendo os periódicos específicos em Gestalt-Terapia surgidos no Brasil, sendo o primeiro o *Gestalt-Terapia Jornal* lançado pelo Centro de Estudos de Gestalt-Terapia, no estado do Paraná, em 1991, além de comentadores como Karwowski (2005), Holanda (2009) e Suassuna e Holanda (2009). Este material foi importante para nos indicar fontes primárias utilizadas neste texto, como veremos mais à frente.

O cenário político, sócio-cultural e econômico no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 – uma rápida revisão

Desde os anos de 1930 até 1964, ocasião do Golpe Militar, consolida-se no Brasil o populismo, caracterizado pelo desempenho político, mesmo que secundário, das massas populares, sob o controle do governo.

Em uma relação dinâmica com o movimento populista, o Brasil passa por um período de transformações econômico-sociais. Assim, nos anos 1950, mais precisamente a partir do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), houve grandes avanços na modernização do país, via principalmente o incentivo à industrialização e o advento da televisão, processo continuado, nos anos 1960 dando continuidade ao “progresso”, com a expansão do capital monopolista. Verifica-se

² Jane Russo (1993) analisa este momento no Rio de Janeiro em seu livro intitulado *O corpo contra a palavra*.



então, a acelerada urbanização e o crescente aumento das chamadas classes médias urbanas.

De acordo com Coimbra (1995), os primeiros quatro anos dos anos 1960 são vividos de forma intensa por uma juventude universitária de classe média, através de vários movimentos sociais. Estudantes e intelectuais assumiam posições favoráveis às reformas estruturais, desenvolvendo grande militância política e cultural. A União Nacional dos Estudantes (UNE) discutia as questões nacionais e as perspectivas de transformação que mobilizavam o país.

Difunde-se uma postura participante e conscientizadora, promovida, por exemplo, através do surgimento, em universidades de vários estados, dos CPC's – Centro Popular de Cultura – vinculados à UNE. A finalidade era “educar o povo através da arte”, com vistas à construção de uma cultura nacional, popular e democrática.

O governo de João Goulart (1961-1964) assistiu à crise política da aliança populista-desenvolvimentista – cujas propostas de reformas sociais, especialmente agrárias, motivaram a sua deposição através do Golpe Militar de 1964 (Tolentino, 2008). Este é o fim do período populista, com a ocupação do Estado pelas Forças Armadas.

Durante o período de ditadura militar houve novo processo de modernização da economia brasileira, ocorrida às custas do sacrifício de setores populares e da ampliação da dependência em relação ao capital internacional.

Por sua vez, contrariamente ao que se poderia esperar, num primeiro momento (período de 1964 a 1968), a ditadura caminhou ao lado da hegemonia cultural da esquerda. Assim, não obstante as centenas de cassações, prisões e torturas, não ocorreu o impedimento da circulação das produções teóricas e culturais. Uma diferença, contudo, se fez notar: a circulação de tais ideias foi totalmente bloqueada às classes populares, passando a realizar-se num

circuito nitidamente integrado ao sistema – teatro, cinema, disco e a ser consumido por um público já convertido de intelectuais e estudantes de classe média. Os espetáculos são verdadeiros meetings onde a “intelligentzia” renova entre seus pares suas inclinações populares, anti-imperialistas, socialistas e revolucionárias (Holanda, 1978 citado por Coimbra, 1995, p. 8).³

A mobilização desse novo público, formado basicamente por estudantes e intelectuais, revelava os limites do novo quadro conjuntural e deixava entrever a

³ Holanda, H. B. (1978). *Impressões de viagem*. Tese – Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.



formação de uma massa política que conheceria seu momento de radicalização nas passeatas de 1967/1968.

Verifica-se, pois, que, na esteira da crise de 1964 se delineou uma geração que procuraria dar um passo à frente em relação aos pressupostos da produção cultural nacionalista e engajada. O movimento tropicalista de 1968 tornou-se o veículo das primeiras manifestações contraculturais no Brasil, marcando uma ruptura com o discurso do engajamento, através de sua crítica cultural radical, mas dentro das estruturas do consumo de massa⁴. Caracterizou-se assim, pela radicalização das questões colocadas pelas artes nos anos 1960, na sua interface com a vanguarda mundial e com a indústria cultural brasileira. Estas questões confluem num ponto: a crise terminal do "nacional-popular" como eixo da cultura e da política.

O que estava em jogo nas produções que se aglutinaram em torno do movimento tropicalista era "o desejo de romper com o repertório político da época, com todo um caminho da cultura brasileira diretamente comprometida com o Estado novo e com os desenvolvimentismos posteriores" (Hollanda & Gonçalves, 1984, p. 64).

Concomitantemente à intervenção cultural tropicalista, o movimento estudantil encontrou seu auge em 1967/1968, tendo como palco o governo militar de Costa e Silva (1967-1969). Conforme expõe Hollanda e Gonçalves (1984):

se a repressão política logrou os efeitos desejados ao nível da desarticulação dos movimentos populares, em relação à classe média, especialmente ao setor estudantil e intelectual, restou uma relativa margem de manobra que permitiria, com o acirramento das feições autoritárias e antipopulares do novo regime, a generalização no período de 67/68 de um expressivo movimento de massas (p. 71).

No debate das esquerdas, a trajetória de ascensão do movimento estudantil levou a um intenso processo de revisão, com a formação de novos grupos e organizações clandestinas, em sua maior parte originadas de dissidências do Partido Comunista. A "Esquerda Revolucionária", como se designavam as novas organizações, lançou mão de métodos militaristas, adotando a guerrilha e as ações armadas como táticas para a eclosão de um levante de massas contra o regime de 1964.

No dia 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro, a mobilização política contra o regime militar alcançava o ápice, realizando no centro da cidade, sob a liderança do movimento estudantil, uma gigantesca manifestação que ficaria conhecida como a "Passeata dos Cem Mil". Numa análise comparativa, Hollanda e Gonçalves (1984) apontam que "se em 64 a Família saíra às ruas para apoiar o Golpe, agora, quatro

⁴ Embora não fosse somente o Tropicalismo. Paralelamente, deve-se ressaltar: Chico Buarque, o Teatro de Arena e Millor Fernandes, com a peça Liberdade, Liberdade (Hollanda & Gonçalves, 1984).



anos depois, os filhos da classe média expressavam de forma radical seu descontentamento com a ditadura que assumiu a tutela do país” (p. 76).

O Ato Institucional número 5 foi a resposta dada, no final de 1968, entrando em vigor a fase mais pesada da Ditadura Militar brasileira. O AI-5 ordenava a cessação das atividades do Congresso, outorgava direitos ilimitados ao Executivo e impunha duras regras de censura. Consolidou-se, assim, o regime implantado em 1964.

Economicamente, o cenário montado pelo regime merece destaque. Em 1969, sob o comando do governo Médici (1969-1973), construiu-se uma fase econômica conhecida como o “milagre brasileiro”, tendo como principal pilar de sustentação a “entrada maciça de capitais estrangeiros na forma de investimentos e de empréstimos” (Rodrigues, 1990, citado por Ramos, 2009, p. 15)⁵, que levaram a dívida externa às alturas.

O ‘milagre’ rendeu seus melhores resultados às classes médias urbanas brasileiras, que tiveram, neste período, seus sonhos de consumo realizados, como a aquisição da casa própria, automóvel, televisão, geladeira, telefone, escola particular para seus filhos. Com a concessão de financiamentos e de empréstimos facilitados à pessoa física, a aquisição de bens de consumo conseguiu agradar grande parcela daquelas classes que viviam neste momento uma prosperidade sem precedentes. Por sua vez, tal situação evidenciava os contrastes sociais do país (Ramos, 2009), já que a desigualdade social continuava presente e crescente.

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, a resistência se manifestou por meio de dois fenômenos: a luta armada contra a ditadura e os movimentos de contracultura. Duas categorias de acusação são produzidas e disseminadas nesses anos no Brasil, ligadas à juventude da época, como forma de enfraquecer e desqualificar qualquer movimento de resistência: a do subversivo e a do drogado (Velho, 1985). O que se segue foi o arrefecimento dos movimentos de resistência: os militantes ligados à luta armada foram aniquilados, e o movimento contracultural, gradativamente, foi sendo anulado por meio de sua integração à sociedade.

Paralelamente à criação das categorias do subversivo e do drogado, está a construção da ideia de “crise da família”, de sua “desestruturação” (Coimbra, 1999).

Entretanto, muito rapidamente o “milagre” transformou-se em uma crise econômica gritante, que fomentou a volta dos movimentos estudantil e operário. A sociedade civil retornou à cena social.

Tal era a conjuntura brasileira do início do governo Geisel (1974-1978): a de uma crise econômica que caminhava paralelamente ao início da chamada fase da “transição” da Ditadura Militar para a Democracia. Em 1979, João Figueiredo, que

⁵ Rodrigues, M. (1990). *O Brasil da abertura: de 1974 à constituinte*. São Paulo: Atual.



seria o último presidente militar, assumiu o governo e, diante da nova realidade econômica, social e política que o país vivia, pressionado pelos movimentos sociais, concedeu a anistia e revogou o AI-5.

Por onde caminhou a psicologia durante este período?

O período histórico enfatizado neste texto assistiu à regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil, que ocorreu com a Lei nº 4119 de 27 de agosto de 1962.

Entretanto, é necessário frisar que o espaço *psi* se estruturou no Brasil a partir de uma atuação psicológica bem antes do marco da regulamentação⁶, assim como os primeiros cursos de psicologia surgiram em período anterior a 1962.

Podemos pensar que a regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de psicologia legitimou a atuação deste profissional, considerando-o necessário e, até mesmo, indispensável à sociedade. Qual seria então a função deste profissional e em que seu saber poderia contribuir para a sociedade brasileira?

Mancebo (1999) oferece algumas pistas do que permitiu a consolidação do campo de atuação do psicólogo e a proliferação dos cursos de psicologia que se seguiu à Reforma Universitária de 1968:

(o) campo de formação do psicólogo, enquanto porta-de-entrada para a construção do especialista, constitui-se num território que compartilha da 'cultura psicológica'. (...) Apontando para a intensa difusão das práticas 'psi' nas camadas médias urbanas de nossa sociedade, após os anos 60, a partir da consolidação de um 'ethos' individualista e intimista, no qual os especialistas 'psi' são um efeito e mais um dispositivo difusor, com um grande potencial de intervenção no espaço social (p. 93).

Como vimos em Coimbra (1995) produziu-se uma oposição, uma incompatibilidade entre os domínios público e privado; as categorias políticas foram transformadas em categorias psicológicas.

A disseminação dessas ideias tornou, por exemplo, a militância política na década de 1970 algo extremamente negativo e combatido. O que é difundido e valorizado, nas camadas médias urbanas, estava relacionado à "crença de que os interesses pessoais, familiares estão acima de quaisquer outros e que não se pode e não se deve abrir mão deles" (Coimbra, 1995, p. 35). Em outras palavras, investia-se

⁶ O momento em que o Brasil assiste ao início das atividades psicológicas aplicadas é justamente um período bastante significativo em termos de mudanças ao nível econômico, social, político, que seguiram e foram desencadeadas pela revolução de 1930. A psicologia se insere neste contexto, a partir de um saber e preocupação voltados à infância e vinculado à educação, embalada pela visão muito difundida de que "a criança é o homem de amanhã" (Pinto, 2001).



permanentemente no domínio do privado, do familiar e o psicologismo cai como uma luva, pois “fornece uma legitimação científica à tecnologia do ajustamento” (Coimbra, 1995, p. 35).

Desta forma, a ideia da “família em crise” atrelava-se à necessidade de especialistas competentes para cuidar dela e de seus filhos transgressores – fazendo alusão às duas categorias já citadas, a do subversivo e a do drogado, difundidas como forma de repúdio às resistências. É assim que as práticas *psi* durante os anos 1970 estão bastante marcadas pela ênfase no familiarismo, no privado, e no poder dos especialistas com seus discursos ‘competentes’, ‘científicos’ e ‘neutros’ (Coimbra, 1995).

Neste contexto – em que vigoram, por um lado, a psicologização do cotidiano e da vida social, e de outro, um esvaziamento político, – verifica-se no Brasil da década de 1970 uma grande expansão da psicologia, e, particularmente, da psicanálise enquanto prática clínica e de intervenção na vida sexual e familiar.

No bojo dos movimentos contestatórios de 1968, o governo militar de Costa e Silva, como resposta ao movimento estudantil, apelou para o setor privado. Através de ajuda técnico-financeira, fortaleceu o ensino particular favorecendo a expansão das faculdades particulares. O que se verificou a seguir foi o crescimento do “mercado psicológico” a partir do florescimento assustador dos cursos de psicologia.

No que diz respeito à clínica, a prática psicanalítica era a hegemônica e se desenvolvia via as sociedades oficiais de formação analítica, filiadas à IPA – International Psychoanalytical Association, fundada por Freud e discípulos em 1910. Das três sociedades existentes, uma em São Paulo e duas no Rio de Janeiro, somente a de São Paulo abriu a possibilidade de, além de médicos, também psicólogos e profissionais de outros cursos superiores se inscreverem para a formação analítica. No Rio de Janeiro, apesar de serem pacientes dos psicanalistas das Sociedades “oficiais” e de terem com eles supervisões e grupos de estudo, os psicólogos não são autorizados a ser autônomo analistas; são “psicoterapeutas de base analítica” e não podem se filiar às sociedades (Coimbra, 1995).

O elitismo associado ao *status* de psicanalista atraía a classe média dos anos 1970 no Brasil com seus projetos de ascensão social e, assim, os jovens profissionais “psi” passam a ambicionar este “lugar”.

Verifica-se, pois, que desde os anos 1960 ocorreu uma crescente hegemonia da ideologia individualista, em muito incentivada pela difusão da psicanálise entre as classes médias. Pode-se dizer que a psicologia cresceu comprometida com o capital e o consumo, buscando oferecer respaldo científico às ideologias dominantes, agindo assim pela manutenção do *status quo*.



Por outro lado, observa-se a penetração de novas ideias, novos rumos e caminhos trilhados a partir dos anos 1970, quando ganhou força a crítica à psicologia clínica, com foco apenas na dinâmica e nos conflitos intrapsíquicos e a total desconsideração dos contextos histórico, social e cultural (Gondim, Bastos & Peixoto, 2010). Ainda que o interesse permanecesse nesta área, verifica-se da parte dos profissionais de psicologia, e também de instituições existentes à época, um redirecionamento da atuação para novas modalidades, como o atendimento grupal e a abertura para as terapias ditas “alternativas” à psicanálise.

Desse modo, em São Paulo, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, o psicodrama também se apresentou como prática clínica. Ali foi fundado o Instituto Sedes Sapientiae em 1975, que se caracterizou por reunir muitos profissionais “psi” interessados em “outras” linhas de atuação psicoterápicas, entre elas a Gestalt-Terapia. Sob a coordenação de Madre Cristina (1916-1997), que desde a criação do primeiro curso de psicologia clínica, ainda em 1953, já adotava a postura de abertura a diferentes perspectivas da psicologia, o Instituto Sedes Sapientiae esforçava-se para “adaptar suas teorias e técnicas aos clientes vítimas do período político, assim como sua preocupação em democratizar o atendimento psicológico para a população de baixa renda” (Baptista, 2001, pp. 214-5).

Assim, “durante os primeiros anos de funcionamento, o novo Instituto abrigou vários movimentos de defesa dos direitos humanos, desde os de resistência aos desmandos militares, até os de apoio a perseguidos e exilados” (Baptista, 2011, p. 345). A atuação profissional de madre Cristina vinculava a Psicologia à política, de modo que incentivava os alunos a dedicarem maior atenção aos problemas sociais e políticos. Neste sentido, ao mesmo tempo em que apoiou e deu assistência a militantes, presos políticos, torturados, parentes de perseguidos, estimulou os que trabalhavam no *Sedes* para que fizessem o mesmo (Baptista, 2001).

A proposta de Gestalt-Terapia tem um caráter libertário, o que, junto à potência de sua técnica, isto é, a surpresa e o impacto provocados pelo processo de experimentação, além do contato mais próximo e afetivo do profissional, concorreram para a atenção recebida em sua recepção em nosso país, em um período e que a sociedade e os profissionais *psi* estavam em busca de possibilidades outras, que não aquelas já estabelecidas e praticadas. Entretanto, esta recepção – no sentido de “um ato duplo que aponta para um efeito produzido pela obra psicológica em um público que a recebe; e indica uma função ativa do leitor que concretiza um sentido para a obra” conforme analisam Branco e Cirino (2017), a partir da obra de Dagfal – implica numa apropriação daquilo que fora produzido por Perls, em função do olhar específico de seus primeiros divulgadores e daqueles que contribuiram para sua institucionalização. É o que veremos no tópico seguinte



A Gestalt-Terapia chega ao Brasil: recepção, transmissão e consolidação

O primeiro momento: entusiasmo e encantamento

A historiografia aponta a chegada da Gestalt-Terapia ao Brasil em 1972, através da publicação do artigo de Thérèse Amelie Tellegen⁷ intitulado *Elementos de Psicoterapia Gestáltica*, no *Boletim de Psicologia de São Paulo*⁸. Da mesma forma que a publicação do livro de Perls, Goodman e Hefferline é indicada como o “nascimento” da Gestalt-terapia, entendemos que houve condições prévias – tanto as contextuais relativas ao país, quanto as da própria psicologia – que possibilitaram, inclusive, a publicação do artigo.

Thérèse travou contato com a Gestalt-Terapia por ocasião de uma viagem que fizera a Inglaterra, em 1972, quando participou de workshops, – sendo um deles coordenado por Silvia Peters, – promovidos pelo Tavistock Institute. De volta de Londres, trouxe a novidade na bagagem, e no mesmo ano, publicou o artigo mencionado⁹.

De acordo com Juliano (1992), o contato com a nova abordagem ocorreu a partir da necessidade de buscar referenciais para abordar os problemas de comunicação na interação entre as pessoas, preocupação central à época. Estávamos no início dos anos 1970 e Juliano e Thérèse trabalhavam no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, principalmente com trabalhos grupais. Assim, de acordo com Juliano (1992), a viagem de Thérèse a Londres teve como principal objetivo a busca de maior capacitação para o trabalho com grupos.

Atentando para o momento histórico em que a Gestalt-terapia chegou ao Brasil, podemos considerar que esta nova abordagem aqui encontrou seu espaço não

⁷ Thérèse Amelie Tellegen (1927-1988) nasceu na Holanda. Formou-se em história, em 1952, na Universidade Católica de Nijmegen (Suassuna & Holanda, 2009), onde conheceu o movimento do Graal: um movimento religioso leigo, internacional, de mulheres, que enfatizava o papel da mulher na sociedade. Em 1956, chegou ao Brasil atendendo a um apelo do grupo brasileiro para coordenar o Centro de Estudos do Graal em São Paulo. Interessou-se por psicologia, tendo se formado pela PUC-SP, em 1964 (Frazão, 2004). Faleceu aos dois dias de julho de 1988.

⁸ Em 1973, Vera Felicidade publicou “Psicoterapia Gestaltista – conceituações”. Embora o título sugira uma filiação ao tema deste artigo, consideramos que seu trabalho se situa mais dentro da perspectiva da Escola da Gestalt alemã e sua fundamentação na fenomenologia.

⁹ Thérèse é autora ainda da primeira dissertação de mestrado a abordar a Gestalt-Terapia, intitulada *Reflexões sobre o Trabalho com Grupos na Abordagem Gestáltica em Psicoterapia e Educação*, defendida na USP em 1982 e que se transformou no primeiro livro escrito e publicado no Brasil, *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*, em 1984. É, assim, além de introdutora da Gestalt-Terapia no Brasil, uma importante pioneira da produção escrita na área. No ano de 1982, escreveu ainda um capítulo no livro *As psicoterapias hoje*, organizado por Ieda Porchat, intitulado *Atualidades em Gestalt-Terapia*.



somente por configurar-se como uma proposta psicoterapêutica alternativa à psicanalítica, assim como ocorreu com o psicodrama, a abordagem rogeriana, as terapias neo-reichianas. Especificamente no que diz respeito à Gestalt-Terapia, pode-se considerar que, tal como ocorreu nos EUA, esta abordagem respondeu, também no Brasil, aos anseios da contracultura.

A Gestalt-Terapia chegou, pois, ao Brasil logo após seu momento de maior repercussão nos Estados Unidos, que ocorreu entre os anos de 1966 a 1968. Conforme assinala Ciornai (1996), neste período a Gestalt-terapia estava fortemente impregnada de um cunho libertador, comum ao movimento de contracultura da época. Assim, um dos pontos de atração da Gestalt-Terapia no Brasil, nos idos de 1970, foi a compatibilidade ideológica com a resistência ao regime militar.

Neste momento, é interessante lembrar a concepção de Laura Perls a respeito da Gestalt-Terapia como “um processo anarquista no sentido de que não se conforma com regras e regulamentos pré-estabelecidos. Não tenta ajustar a pessoa a um determinado sistema, mas ajustá-la ao seu próprio potencial criativo” (Perls, 1994a, p. 32).

Enquanto proposta psicoterapêutica, a Gestalt-Terapia enfatizava alguns aspectos, que vinham ao encontro dos anseios de uma geração que combatia a intensa repressão presente na sociedade de então. Como diz Ciornai (1996):

sua ênfase na possibilidade do indivíduo experimentar e fazer escolhas de formas de ser e de estar contrárias às normas e padrões sociais, (...)
sua ênfase na possibilidade do indivíduo poder se libertar de suas amarras internas e de padrões de relacionamento limitadores como forma de expandir suas possibilidades de existência no mundo e (...)
sua ênfase na importância da experiência direta, como caminho de crescimento e transformação (p. 11).

No artigo fundante de Tellegen, a autora nos oferece sua visão sobre a ascensão dos trabalhos com grupos. A autora vê tanto no crescimento dos diferentes tipos de trabalho em grupo quanto na enorme procura por esta modalidade de trabalho o “anseio existente de achar novas formas de vida e de relacionamento dentro e apesar do clima sufocante da sociedade industrial e tecnológica” (Tellegen, 1972, pp. 28-9).

É digno de nota que apesar de afirmar sua posição de autodidata, e de comentar sobre a pouca literatura existente, a autora apresenta um excelente panorama da Gestalt-Terapia, mencionando seus principais conceitos e fontes de influência e fazendo uso de uma bibliografia significativa¹⁰. Isto nos leva a considerar que a

¹⁰ Sendo este o texto introdutor da Gestalt-Terapia no Brasil, não contávamos com qualquer outra referência na área. Assim, Thérèse reuniu os principais livros na área, fornecendo fontes de informação para os interessados.



Gestalt-Terapia obteve uma atenta recepção por parte de Thérèse, que se incubiu então, de propagá-la e difundi-la por intermédio desta primeira publicação.

Em 1973, por iniciativa de Thérèse, o Brasil recebeu a visita de uma primeira profissional em Gestalt-Terapia, Silvia Peters, para um *workshop*, de doze horas, que aconteceu no Grupo de Estudos de Psicologia Social Aplicada (GEPSA), em São Paulo.

Lílian Frazão (1995), que participou deste primeiro *workshop*, nos relata o trabalho:

Nunca vou me esquecer daquela experiência. Éramos um grupo de aproximadamente quinze pessoas (...). Quando entramos na sala já nos espantamos com o que estava escrito na lousa: não faça perguntas, faça afirmações; use apenas o pronome 'eu'; fique no aqui-e-agora; fale sempre no presente; seja responsável, etc (p. 14).

Mais especificamente sobre a técnica utilizada, podemos perceber seu impacto no seguinte trecho:

O *workshop* estava próximo do final, um bom número de pessoas havia feito trabalho individual de hot-seat com a terapeuta (...) Sentei-me na cadeira vazia, o hot-seat e, enquanto displicentemente balançava minha perna, comecei a dizer que não sabia o que queria trabalhar. Ela então me perguntou o que a minha perna estava fazendo. Respondi, um tanto atônita com a pergunta, que balançava. Ela então me pediu para intensificar aquele movimento. O que se passou a partir daí não posso contar, por duas razões: primeiro porque não conseguiria restituir aquilo que me pareceu tão intenso e profundo; e segundo, porque foi um mergulho na minha intimidade como jamais havia vivenciado em outros processos terapêuticos (Frazão, 1995, pp. 14-5).

Em 1976, com o apoio de Madre Cristina Sodré e o patrocínio do Instituto Sedes Sapientiae, Thérèse e Tessy Hantzschel¹¹ foram para San Diego participar do treinamento vivencial de um mês coordenado por Erving e Miriam Polster. Tessy comentou a respeito deste momento: "era na Califórnia que estava brotando todo esse movimento novo do Perls via Gestalt. Então fomos pros (sic) EUA, e lá nós encontramos a turma que era a turma dos discípulos do Perls, nos anos 1970 então estava tudo bem recente" (Suassuna & Holanda, 2009, p. 63).

Nesta ocasião conhecem Robert Martin, do Instituto de Gestalt de Los Angeles que, a convite delas, veio ao Brasil, em dezembro de 1976, oferecer um treinamento. Jean Clark Juliano (1992), que era uma das participantes deste trabalho, comenta:

¹¹ Tessy Hantzschel é parceira de Thérèse Tellegen, no início da Gestalt-Terapia no Brasil. Nascida no Brasil, em Rio Claro, sua primeira formação é em pedagogia, na USP, e posteriormente em psicologia, pela mesma instituição. Foi professora por anos na PUC-SP, onde conheceu Thérèse. Algum tempo depois de entrar em contato com a Gestalt-Terapia, voltou-se para a psicanálise (Suassuna & Holanda, 2009, p. 51).



o que eu vi no trabalho do Robert Martin foi a imagem da liberdade, da permissão para ser criativo, onde o terapeuta entrava por inteiro, utilizando voz, expressão corporal, materiais variados como tinta, argila, papel, música, enfim tudo o que lhe fornecesse uma porta de entrada para o mundo interno da pessoa (p. 15).

Por volta desta mesma época, acontecia aquele que fora o primeiro *workshop* de grande grupo realizado no Brasil, em Arcozelo (Rio de Janeiro), em 1977, com Carl Rogers, John Keith Wood, Maureen Miller-O'Hara, entre outros (Suassuna & Holanda, 2009). A partir de então, destaca-se a figura de Maureen Miller, da Universidade de La Jolla, em San Diego, Califórnia, na realização de treinamentos para grupos de profissionais interessados em Gestalt-Terapia no Brasil. É importante assinalar que, favorecida pelo clima da época, Maureen havia formado grupos em diversos estados brasileiros, os quais se mantiveram de 1978 a 1981 (Silveira, 1996).

Segundo o depoimento de Teresinha Mello da Silveira – pioneira da Gestalt-Terapia no Rio de Janeiro e integrante do grupo supracitado¹², – os encontros com Maureen aconteciam de seis em seis meses e duravam de quatro a quinze dias. Silveira (1996) nos permite conhecer como estes profissionais se articularam na intenção de conhecerem e capacitarem-se na prática desta abordagem:

Nos outros meses nos reuníamos em grupos menores para trabalharmos um ao outro e para estudarmos, o pouco material que tínhamos à mão (...). O grupo era mobilizado por alguma questão ou através dos famosos exercícios gestálticos, e daí surgiam os trabalhos individuais em que éramos ora clientes ora terapeutas, discutindo-se posteriormente o que acontecia (p. 10).

No Rio de Janeiro, foi, portanto, a partir da segunda metade da década de 1970 que a Gestalt-Terapia se fez presente. Silveira e Prestrelo (2009) indicam o psiquiatra Décio Casarin como pioneiro da abordagem no estado, tendo sido ele o responsável por trazer Maureen Miller para a realização dos treinamentos. A formação de Décio, por sua vez, fora realizada no Chile, com Adriana Schnacke (Nana) e Francisco Huneuus (Pancho), no período de 1975 a 1978, nos primeiros tempos da ditadura de Pinochet. Assim, em seu momento inicial, a Gestalt-Terapia no Rio de Janeiro encontrou duas influências: a chilena e a de Maureen Miller (Silveira & Prestrelo, 2009).

Neste momento inicial da recepção da Gestalt-Terapia no Brasil, é importante considerar a aproximação com a abordagem rogeriana, já visível pelo fato de Maureen

¹² Silveira (1996) relacionou os profissionais que frequentaram mais continuamente os treinamentos oferecidos por Maureen: Décio Casarin, Jane Rodrigues, Maria Alice Queirós (Lika), Maria Cristina Tsallis, Salete Cabral, Silvio Lopes e Suzana Hertlander.



Miller, profissional integrante do *staff* de Carl Rogers, ministrar treinamentos em Gestalt-Terapia.

Assim, a história nos conta a ligação entre a teoria rogeriana e a Gestalt-Terapia¹³. Abel Guedes, em entrevista a Suassuna e Holanda (2009) pontua que:

Foi fortíssima essa ligação. (...) O que tinha de estruturado eram os rogerianos, então todo o pessoal que queria ir para a terceira força, o pessoal que pretendia uma coisa que não fosse behaviorismo e não fosse psicanálise, ia pro (movimento) rogeriano. Então nosso início é aí, tanto que num segundo momento (...) se configura o grupo dos rogerianos e o grupo dos gestaltistas (p. 53).

A aproximação inicial entre estes dois modelos de pensamento contribuiu para que algumas gerações posteriores viessem a confundir as duas abordagens ou a sugerir, como Maureen fazia, sua junção (Suassuna & Holanda, 2009).

Ainda em 1976 surgiu, no Instituto Sedes Sapientiae, o primeiro curso oficial de Gestalt-Terapia no país, intitulado Gestalt e Reich¹⁴. Thérèse e Tessy ficaram responsáveis pelo conteúdo referente à Gestalt-Terapia, enquanto Godói (psiquiatra e psicodramatista) e Ana Verônica Mautner (terapeuta reichiana à época) dedicavam-se à parte de Reich (Suassuna & Holanda, 2009, p. 55, 57).

Paralelamente à organização de grupos para a realização de estudos em Gestalt-Terapia, e à organização de *workshops*, tiveram importância fundamental, neste primeiro momento, as traduções da literatura especializada e suas publicações no Brasil. O acesso a essa bibliografia teve grande influência na construção da imagem e na divulgação da Gestalt-Terapia no Brasil.

Neste movimento inicial de recepção e difusão, entrou em cena mais um personagem. Trata-se de Paulo Eliezer Ferri de Barros¹⁵, que colaborou com a

¹³ É importante esclarecer que esta aproximação não aconteceu somente no Brasil. É comum que se associe a Gestalt-Terapia ao movimento da psicologia humanista, embora Fritz Perls nunca tenha militado nesse movimento (Ginger & Ginger, 1995). Pode-se considerar que a proximidade temporal com que essas práticas tornaram-se populares contribuíram para que se aglutinassem sob a designação "movimento do potencial humano", sendo o Instituto de Esalen seu maior referencial (Coimbra, 1995).

¹⁴ Aqui, mais uma vez observa-se a junção inicial entre Gestalt-Terapia e outra abordagem, tal como já ocorrera com a abordagem rogeriana. Uma possível explicação é o fato de tais abordagens constituírem-se como uma "alternativa" à psicanálise, além do próprio desconhecimento a respeito do que as diferenciava. A propósito do curso Gestalt e Reich, Juliano afirma que "era evidente que a mistura dos dois cursos não ia dar certo" (Suassuna & Holanda, 2009, p. 68).

¹⁵ Paulo Barros (1946-2006) foi psicólogo, professor e escritor. Formou-se em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e foi professor da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, da OMEC e do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, sendo responsável nestas instituições, por muitos anos, pela disciplina de "Teorias e Técnicas Psicoterápicas" (Rehfeld, 2007). De orientação junguiana, complementou seus estudos em Gestalt-Terapia, com John Stevens e Barry Stevens (Suassuna & Holanda, 2009).



tradução e publicação dos primeiros livros a respeito da nova abordagem. De acordo com Rehfeld (2007),

Paulo foi um dos introdutores da Gestalt-Terapia no Brasil. No início dos anos 1970 foi aos Estados Unidos e voltou cheio de energia, e com muito material. Distribuiu-o e, como um bom professor, entusiasmou a todos com as novas ideias. Nos Estados Unidos fez um treinamento intensivo, em Gestalt-Terapia, com John O. Stevens, no *Esalen Institute*, e também lá fez Bioenergética com Alan Swarts e professores do *Radix Institute* (p. 166).

Paulo foi diretor da coleção *Novas Buscas em Psicoterapia*, da editora Summus, por mais de dez anos. O objetivo da coleção era trazer ao público publicações pioneiras em diferentes abordagens psicoterapêuticas. Assim, além de Gestalt-Terapia, trazia assuntos relacionados à Bioenergética e outras abordagens corporais, Psicodrama, Arteterapia, Psiconcologia e Programação Neurolingüística.

No que diz respeito às traduções e publicações especificamente em Gestalt-Terapia presentes nesta coleção, o quadro 1 sumariza as publicações da década de 1970.

Quadro 1 – Coleção *Novas Buscas em Psicoterapia* – Summus Editorial

Vol	Título em português	Ano	Autor	Título original	Ano
1	<i>Tornar-se Presente: experimentos de crescimento em Gestalt-Terapia</i>	1976	John O. Stevens	<i>Awareness: exploring, experimenting, experiencing</i>	1971
2	<i>Gestalt-Terapia explicada</i>	1977	Frederick S. Perls	<i>Gestalt Therapy Verbatim</i>	1969
3	<i>Isto é Gestalt</i>	1977	Frederick S. Perls e outros	<i>Gestalt is</i>	1975
6	<i>Não apresse o rio (ele corre sozinho)</i>	1978	Barry Stevens	<i>Don't push the river (it flows by itself)</i>	1970
7	<i>Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo</i>	1979	Frederick Salomon Perls	<i>In and out the garbage pail</i>	1969

Fonte: Esch (2012).

Além da coleção da Summus, ainda na década de 1970, a Editora Zahar, do Rio de Janeiro, foi responsável pela publicação de dois livros em Gestalt-Terapia, – *Gestalt Terapia, teorias, técnicas e aplicações*, publicado em 1973 e *A abordagem gestáltica e*



testemunha ocular da terapia, publicado em 1977 – perfazendo um total de 7 livros traduzidos e publicados no Brasil.

Assim, na década de 1970, contamos com uma única publicação nacional, o artigo já referido, de autoria de Thérèse Tellegen. As demais publicações deste período correspondem à tradução de obras estrangeiras.

Neste momento, interessa-nos particularmente a análise destas primeiras publicações, na medida em que conduziram à formação do primeiro corpo de conhecimento e nos permitirão formar uma ideia sobre o que se pensava e o que se fazia em Gestalt-Terapia em sua fase inicial no Brasil.

A primeira pergunta que nos fazemos é: que imagem da Gestalt-Terapia fora possível criar a partir do acesso a tais obras? Que elementos da abordagem gestáltica tais obras enfatizavam? Tais perguntas levam ao questionamento sobre qual fora a literatura de Gestalt-Terapia privilegiada para a apresentação da nova abordagem no Brasil, o que, por sua vez, remete a um segundo questionamento, que diz respeito a qual literatura obtinha maior aceitação e adesão à época.

A primeira obra traduzida, *Gestalt Terapia, teorias, técnicas e aplicações*, é uma coletânea com 25 trabalhos de autores diversos. Contém 3 artigos de Fritz Perls e 1 de autoria de Laura Perls. O prefácio à edição americana caracteriza o livro como uma ampla amostragem de técnicas e aplicações, de autoria de vários terapeutas e professores e segue afirmando que o livro não proporcionará respostas completas ou finais, nem substituirá o treinamento em Gestalt-Terapia e a experiência real das técnicas *Gestalt*.

A seguir, temos a publicação de *Tornar-se presente*, livro com uma série de exercícios utilizados em Gestalt-Terapia. O prefácio da edição brasileira à obra, escrito por Paulo Barros, apresenta uma justificativa que visa aproximar a proposta técnica da Gestalt-Terapia ao clima da época, dando-nos pistas sobre o interesse em atrair estudantes e profissionais. Assim, lê-se que:

Existe de fato uma busca urgente e inquieta por parte dos estudantes de Psicologia, de qualquer coisa que os aproxime um pouco mais de suas experiências. Em sua insatisfação com as orientações mais acadêmicas e conceituadas por um lado, e com as orientações mais rigorosamente científicas e técnicas por outro, existe a convicção de alguma coisa mais próxima de suas realidades existenciais que os coloque em contato com suas ilusões, anseios, preocupações e fantasias. E, existe também a certeza não explícita de que estas ilusões e fantasias são o que de humano eles carregam (Barros, 1976, p. 13).

Um pouco mais à frente, encontramos a advertência quanto ao uso indiscriminado e/ou descontextualizado dos exercícios propostos:



Não obstante a forma espontânea e lúdica como são apresentados e embora em toda sua variedade representem uma riqueza potencial como fonte de crescimento, estes exercícios em si são tão neutros quanto o papel (...) que constituem este livro. Podem ser divertidos e usados de forma lúdica. Podem ser perigosos, se aplicados de forma descuidada. Podem ser impessoais, se utilizados apenas como técnicas. Podem ser produtivos, se orientados com propriedade (Barros, 1976, p. 15).

No ano de 1977 ocorre a publicação de três obras. *Gestalt-Terapia explicada*, de autoria de Fritz Perls, contém palestras em que Perls fornece, em termos simples e diretos, as ideias que fundamentam seu trabalho terapêutico. A segunda parte do livro fora selecionada a partir das gravações realizadas nos seminários de trabalho com sonhos, dirigidos por ele e que ocorreram em fins de semana no Esalen Institute, entre 1966 e 1968. Sobre esta segunda parte, Tellegen (1972) comenta consistir em "leitura fascinante", trazendo logo em seguida o significado atribuído ao livro, que passou a ser considerado "a bíblia dos aprendizes da Gestalt-Terapia" (p. 32).

Portanto, até aqui, vemos que os livros de Gestalt-Terapia que vieram ao público brasileiro enfatizaram o aspecto técnico da abordagem, introduzindo, quando o faziam, pequenas incursões teóricas. No entanto, uma questão que emerge é se não seria exatamente este o tipo de publicação que teria aceitação e acolhida, dado o clima e as necessidades sentidas naquela época? E ainda, se acaso não seria exatamente esta a proposta primeira da abordagem?

No que diz respeito ao conhecimento que se poderia obter da Gestalt-Terapia a partir dos dois primeiros livros publicados pela Summus, Frazão (1995) afirma que os mesmos transmitiram "uma ideia parcial da abordagem: a ideia de que consiste numa sucessão de exercícios a serem desenvolvidos com o cliente ou um conjunto de técnicas que provocam rapidamente resultados" (p. 16). Este fato, juntamente com a realização de *workshops* por profissionais estrangeiros, no momento de recepção inicial da Gestalt-Terapia no Brasil, colaboraram para que a Gestalt-Terapia fosse conhecida predominantemente por seu manancial técnico. Neste sentido, Juliano (1992) comenta que "muitos profissionais ficaram entusiasmados com essa leitura (dos dois livros) e se puseram a aplicar as técnicas de Gestalt em seus consultórios, com resultados desastrosos" (pp. 16-17).

Como já assinalamos, ainda em 1977, tivemos acesso a outras duas obras. Assim, teve lugar, na coleção *Novas Buscas em Psicoterapia* o livro *Isto é Gestalt* – uma compilação de John Stevens, que contava com textos de sua autoria, de Fritz Perls, os quais correspondem a aproximadamente um terço do livro, e de outros autores, como Wilson Van Dusen, Stephen A. Tobin e Barry Stevens. De acordo com Frazão (1995), este livro traduz mais fielmente as ideias da Gestalt-Terapia; contudo,



ele não pareceu atrair tanta atenção do público, corroborando nossa hipótese de que a época não estava “pronta” para discussões teóricas.

Paulo Barros (1977), no prefácio à edição brasileira da obra, nos informa sobre o momento vivido pela Gestalt-Terapia no Brasil:

em nosso meio estamos engatinhando (...). Grupos de estudos estão em formação e começam a trocar experiências (...). Está claro que neste processo de engatinhar existirão muitos tropeços e caminhos sem saída. É impossível evitar os erros, os desvios e o modismo, sem que se caia em ortodoxias, hermetismo e outros ‘ismos’ que tolham o processo de absorção, assimilação e criação do que possa vir a ser a Gestalt-Terapia entre nós (pp. 9-10).

Paulo parece fazer, neste texto, além de referência às possíveis dificuldades no percurso da Gestalt-Terapia no Brasil, também menção aos mal-entendidos e distorções que habitarão o universo da abordagem entre nós.

O último livro a ser publicado em 1977 foi pela Zahar Editores e é o último livro de Fritz Perls, *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia* – escrito no período em que morou em Esalen e Cowichan, e concluído editorialmente para a publicação após a sua morte. Nele, estão reunidas tanto uma apresentação teórica, com o título *A abordagem Gestáltica*, quanto uma parte prática, nomeada *Testemunha Ocular da Terapia*. Em texto de fácil leitura, traz uma primeira aproximação com os fundamentos e conceitos principais da abordagem, apontando as influências da Psicologia da Gestalt, os conceitos de homeostase, contato e fronteira de contato, bem como a presença da teoria holística.

Os dois últimos livros a serem traduzidos – *Não apresse o rio (ele corre sozinho)* e *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo* – contribuiram pouco para o melhor entendimento sobre o embasamento teórico da nova abordagem.

Portanto, das nove obras apresentadas ao público brasileiro, *Isto é Gestalt*, apresenta mais fielmente as ideias da Gestalt-Terapia. Contudo, tal obra parece não ter recebido a devida atenção, conforme foi assinalado por Frazão (1995). Além dela, as obras *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* e *Teoria, Técnicas e Aplicações* trazem seções e capítulos que enfatizam os aspectos teóricos da abordagem. Todas as demais obras citadas priorizam o aspecto técnico e a proposta vivencial da Gestalt-Terapia. Vemos aqui, pois, como as condições do país, e as necessidades e interesses dos profissionais que seriam o público-alvo da Gestalt-terapia, interferiram na sua acolhida, caracterizando o processo de recepção mencionado anteriormente: não uma pura reprodução daquilo que foi feito em outro lugar mas sua apropriação e significação conforme as condições do lado de cá.



Por sua vez, os livros mais importantes foram tardiamente publicados no Brasil. *Gestalt-Therapy: excitement and growth in the human personality*, livro que inaugura a abordagem em 1951, somente foi traduzido em 1997; do mesmo modo, *Ego, hunger and aggression: a revision of Freud's theory and method*, primeiro livro de Perls, conhecido por lançar as sementes da futura abordagem, de 1942, somente veio ao público brasileiro em 2002, exatamente 60 anos após sua publicação original. Ironicamente, o primeiro livro de Perls foi exatamente o último a ser lançado no Brasil.

Na apresentação do livro *Gestalt-Therapy* constam os obstáculos encontrados nas tentativas de viabilizar a edição brasileira desta obra. Por se tratar de autoria de três autores falecidos, havia a necessidade de autorização dos herdeiros, o que retardou o processo (Frazão, 1997). Assim, o longo tempo para a tradução não se deveu à falta de empenho dos representantes da Gestalt-Terapia em nosso meio.

A apresentação do que consistiu esse momento de recepção da abordagem no Brasil traz, portanto, a presença de um fato incontestável: a Gestalt-Terapia chegou em nosso país pela prática, com ênfase no aspecto vivencial e técnico. Não podemos deixar de assinalar a coincidência com o momento de explosão da Gestalt-Terapia em contexto americano. Ainda que o surgimento oficial da abordagem nos EUA tenha se dado em 1951, com a publicação do livro *Gestalt-Therapy*, e que o New York Institute for Gestalt Therapy, fundado em 1952, visasse também o aprofundamento teórico da Gestalt-Terapia, esta só alcançou repercussão com a eclosão do movimento de contracultura, na década de 1960, embalada pelas demonstrações técnicas de Perls, que foi um grande divulgador da abordagem. Enfim, o que se tornou figura, aquilo que foi visto em primeiro lugar, foi seu aspecto técnico e vivencial.

Assim como no Brasil, também nos EUA tal fato gerou a necessidade de defender a consistência teórica e filosófica da Gestalt-Terapia. A título de ilustração podemos citar o trabalho de Laura Perls (1994b) apresentado em 1977 como conferência na Associação Européia de Análise Transacional, em Seefeld, na Áustria e intitulado *Visiones verdaderas y falsas de la Terapia Gestalt*, no qual comenta como erroneamente a ideia da Gestalt-Terapia fora resumida à prática da técnica da cadeira quente e da cadeira vazia. De acordo com a referida autora, o texto visa resgatar os conceitos básicos que, mais que técnicos, são filosóficos e estéticos.

No caso brasileiro, observou-se, a partir da literatura consultada, que o movimento de recepção da nova abordagem foi pouco a pouco agrupando mais profissionais interessados, que a princípio se encontravam nos *workshops* ministrados por profissionais estrangeiros, e que, a partir da consolidação de grupos, passaram a se reunir para estudos autônomos e em grande parte, autodidatas. Posteriormente, foram estes pioneiros os responsáveis por ministrarem treinamento a novos



interessados. Teve início então, um novo momento da Gestalt-Terapia no Brasil, caracterizado pela transmissão da abordagem por brasileiros, e a conseqüente formação de um outro tipo de grupo: o grupo de formação. Ao mesmo tempo, ocorriam reflexões, questionamentos e um esforço de elaboração teórica que contribuíram para a consolidação da Gestalt-Terapia no Brasil, como veremos no próximo item

O segundo momento: transmissão, reflexão, questionamentos e busca por referenciais

Ainda no final da década de 1970, organizaram-se os primeiros grupos visando a transmissão da Gestalt-Terapia, movimento que se avolumou e adquiriu maior consistência na década seguinte.

Assim, em 1977, Walter Ribeiro, que participava do grupo inicial em São Paulo, criou um pequeno grupo de três pessoas para disseminar a Gestalt-Terapia em Brasília (Juliano, 1992). Esse grupo se ampliou e no ano seguinte foi criado o primeiro grupo de formação, o G1, com mais ou menos vinte pessoas, no qual Walter era auxiliado por Maureen Miller.

Em 1984 foi criado o Centro de Estudos de Gestalt-Terapia de Brasília – CEGEST, tendo como fundadores Walter Ribeiro, Enila Chagas, Jorge Ponciano Ribeiro, Marta Carrijo, Braulina Romancini, Thales Garcia Thereza Gayoso, Zélia Rocha, Elizabeth Pinheiro, todos com formação em Gestalt-Terapia, participantes do G1.

Em São Paulo, após a tentativa do curso Gestalt e Reich, o Instituto Sedes Sapientiae promoveu o primeiro curso de *Especialização na Abordagem Gestáltica*, com início em 1979 e duração de três anos. Estavam à frente deste curso Thérèse Tellegen, Jean Clark Juliano, Lílian Meyer Frazão e Abel Guedes. Em 1981, esse mesmo grupo fundou o Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo. A principal motivação para a criação do Centro, de acordo com Juliano (1992), foi "servir como ponto de referência para a comunidade, peneirando o que era saudável e honesto na prática da Gestalt daquilo que era somente caricatura" (p. 17). Portanto, vemos presente a preocupação dos profissionais que abraçaram a Gestalt-Terapia não só simplesmente com a sua difusão, mas com a transmissão de sua base conceitual. Todavia, o grupo começou a se deparar com a necessidade de buscar fundamentação teórica, de modo a melhor conduzir os futuros passos da abordagem no Brasil.

Na mesma direção, Karwowski (2005) informa que Ari Rehfeld foi o primeiro a destacar a Fenomenologia enquanto figura de um fundo – a Gestalt-Terapia. É interessante registrar que este último, inicialmente aluno da primeira turma de



formação do Instituto Sedes Sapientiae, tornou-se, no decorrer do curso, professor de seus colegas de turma.

O desenvolvimento subsequente deste processo de fundamentação da Gestalt-Terapia no referencial fenomenológico ocorreu, nesse primeiro momento, vinculado ao Curso de Especialização em Gestalt-Terapia do Instituto Sedes Sapientiae. Em 1981, houve um curso completo de Fenomenologia ministrado por Rehfeld. De novo, Karwowski (2005) esclarece que

embora esse curso tenha aparecido no Catálogo de Cursos do Instituto Sedes com o título *Introdução à Fenomenologia*, seu tema era *Concepção de homem, compreensão e atitude fenomenológico-existencial na Gestalt-Terapia*, e seu objetivo era fundamentar fenomenologicamente, tanto em termos práticos como teóricos, os futuros profissionais de Gestalt-Terapia (p. 55, grifo do autor).

Também no Rio de Janeiro, no início dos anos 1980, profissionais que haviam participado do treinamento com Maureen Miller entre 1978 e 1981 começaram a ministrar treinamentos. Foi o caso de Teresinha Mello da Silveira, Maria Cristina Tsallis, Salete Cabral, Jane Rodrigues, Sílvio Lopes e Décio Casarin (Silveira, 1996, p. 10).

Outro fato importante no que diz respeito à transmissão dessa abordagem ocorrido em meados de 1980 foi a abertura de estágios em Gestalt-Terapia em cursos de psicologia. Nesse período, alguns gestaltistas que trabalhavam em universidades começaram a falar da Gestalt-Terapia em suas aulas. É o caso de Teresinha Mello, profissional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que recebia alunos do curso de graduação em Psicologia para a disciplina obrigatória Estágio Básico. Sobre a recepção dos alunos ao entrarem em contato com a Gestalt-Terapia, a autora comenta: "muitos alunos (...) ficavam encantados quando ela era apresentada como uma das práticas clínicas possíveis" (Silveira & Prestrelo, 2009, p. 193). Até o momento, naquela universidade, a psicanálise era a única alternativa oferecida aos alunos para a prática clínica, e estes, ao terem acesso a outras possibilidades, passaram a reivindicar o conhecimento de outras linhas de trabalho clínico. Foi então que, atendendo aos apelos dos alunos, em 1984 a UERJ abriu espaço para atendimento supervisionado em Gestalt-Terapia, tornando esta universidade pioneira na área entre todas as universidades brasileiras.

O início dos anos 1990, por sua vez, marcou a oferta da disciplina *Gestalt-Terapia* como disciplina eletiva do curso de graduação em Psicologia da UERJ. No ano seguinte, em 1991, esta disciplina passou a ser obrigatória, fazendo parte do currículo do curso. Neste particular, novamente a UERJ desponta como pioneira, também sendo a primeira universidade a abrir concurso docente para esta área, conforme ressalta



Eleonora Torres Prestrelo, na posição de professora da referida disciplina (Silveira & Prestrelo, 2009). Mais recentemente, por iniciativa de Prestrelo, e como resultado da demanda de alunos do curso de psicologia da UERJ, foi criado o *Laboratório Gestáltico: perspectiva fenomenológico-existencial em clínica, pesquisa e atenção psicossocial*, em 2007. As atividades desenvolvidas pelo Laboratório constituem-se como um veículo de divulgação e fortalecimento da abordagem gestáltica.

A Gestalt-Terapia foi se instalando no meio acadêmico a partir de duas frentes: com a transmissão da abordagem aos alunos, primeiramente, através da oferta de estágios supervisionados sob este referencial e posteriormente através da oferta da disciplina *Gestalt-Terapia* – seguindo, portanto, a história de sua recepção no país, primeiro pela prática e depois pela teoria. Mas também por meio da realização de trabalhos acadêmicos, dissertações, teses¹⁶, artigos acadêmicos e livros de autoria de brasileiros, o que ocorreu no momento seguinte. Paralelamente à transmissão da Gestalt-Terapia por profissionais brasileiros, e à busca de referenciais sólidos, houve também uma certa desilusão. O encantamento inicial cedeu lugar a inúmeros questionamentos advindos tanto da prática clínica (Frazão, 1995) como do novo lugar ocupado pelos profissionais pioneiros na Gestalt-terapia, como transmissores da abordagem (Silveira, 1996).

É bem verdade que a Gestalt surgiu como reação ao excesso de intelectualismo da época. No entanto, passada essa fase inicial, instalou-se uma maior preocupação com a fundamentação teórica, quando também se atentou para os riscos do trabalho essencialmente técnico e sua grande chance de transformar-se em modismo.

Um primeiro recurso empregado pelos profissionais para fazer face às dúvidas, indagações e inseguranças do momento foi buscar respostas em fontes já conhecidas: Psicanálise Freudiana, Teoria da Relação Objetal, Análise Junguiana, Bionergética, Análise Existencial etc. Conforme assinala Juliano (1992):

Nessa época, recorriamos a abordagens colaterais, importando textos de outras abordagens, acreditando que o problema da Gestalt era que não tinha teoria suficiente. Era a época em que demos espaço para o surgimento entre nós e nossos alunos, da fase Gestalt e..., com as mais variadas, improváveis e bizarras combinações (p. 18).

Do Rio de Janeiro, Silveira (1996) arremata: “gestalt e bioenergética, gestalt e trabalho corporal, gestalt centrada-na-pessoa. Mas o que seria a gestalt afinal?” (p. 11).

Entretanto, os gestalt-terapeutas buscavam refletir sobre o momento. Assim, Walter Ferreira da Rosa, já no I Encontro de Gestalt-terapeutas ocorrido no Rio de

¹⁶ Holanda (2009) possui um artigo que analisa os trabalhos de mestrado e doutorado em Gestalt-Terapia e na abordagem gestáltica no Brasil no período de 1982 a 2008.



Janeiro, no ano de 1987, alertava para o fato de ser necessária cautela neste processo de realizar incursões por referenciais externos à Gestalt-Terapia, pois “corremos o perigo de ingerir alimentos estranhos que possam (sic) provocar sérias ‘indigestões’, arriscando mesmo descaracterizar nossa abordagem por pertencerem a outros referenciais epistemológicos e filosóficos” (citado por Ciornai, 1991, p. 9).

Fez parte também deste momento o acesso aos livros *Gestalt-Therapy*, lançado em 1951 por de Perls, Hefferline e Goodman e *Ego, hunger and aggression*, lançado em 1942 por Perls, que foram finalmente traduzidos. Ciornai, no ano de 1991 refletia sobre esse movimento de buscar explicitação mais clara dos pilares teóricos que sustentavam a abordagem, de modo a se obter um respaldo mais sólido para o trabalho terapêutico. Levantava então a dúvida sobre se, de fato, as lacunas apontadas se deviam a falhas reais no arcabouço teórico gestáltico ou a uma falta de atenção e leitura da literatura existente, ou ainda a ambos, considerando ser esta uma questão pendente à época.

O terceiro momento: o início da produção nacional e a sistematização de encontros nacionais

A escassez de material não impediu que alguns profissionais realizassem estudos específicos com o referencial da Gestalt-Terapia, inaugurando uma fase de produções e publicações nacionais. Assim, em 1982 foi defendida, na Universidade de São Paulo, a primeira dissertação de mestrado na área, intitulada *Reflexões sobre o trabalho com grupos na abordagem gestáltica em psicoterapia e educação*, de autoria de Thérèse Tellegen e já em 1983, Lílian Frazão também defendeu dissertação de mestrado, pela mesma universidade, intitulada *O modelo de aprendizagem experiencial aplicado ao ensino de terapia de grupo*.

Em 1984, veio a público o primeiro livro nacional em Gestalt-Terapia, de autoria de Thérèse Tellegen. Intitulado *Gestalt e Grupos: uma perspectiva sistêmica*, volume 22 da série Novas Buscas em Psicoterapia, porém com um adendo do diretor da coleção, Paulo Barros, que renomeou a coleção sob o título *Série B: Nossas Buscas*, dando assim o indicativo de um novo momento da Gestalt-Terapia no Brasil, marcado pelo incentivo às publicações nacionais.

Logo no ano seguinte, em 1985, a coleção publicou a segunda obra brasileira, o livro de Jorge Ponciano Ribeiro, *Gestalt-Terapia: refazendo um caminho*, correspondendo ao volume 24 da coleção. Trata-se de um livro importante para a comunidade gestáltica brasileira, pois apresenta e discute as bases filosóficas e teóricas da Gestalt-Terapia. Na apresentação do livro, Ribeiro mapeia a Gestalt-



Terapia que se desenvolveu no Brasil, apontando os equívocos a respeito de sua proposta psicoterápica. Em suas palavras: “faltava uma unidade de pensamento que pudesse representar a Gestalt-Terapia, mal-entendida e compreendida nos seus primórdios, sobretudo por seu caráter centrado no aqui-e-agora, como uma teoria séria e epistemologicamente embasada” (Ribeiro, 1985, citado por Alvim, 2012, p. 12). O livro oferece, portanto, um referencial fundamental, consolidando uma estrutura teórico-filosófica, uma configuração das suas bases epistemológicas que se tornou referência na organização das formações em Gestalt-Terapia no Brasil. Ribeiro é o autor com o maior número de publicações de livros no referencial gestáltico no Brasil.

Nesse momento, verifica-se ainda um esforço de maior articulação e intercâmbio nacional dos praticantes da Gestalt-Terapia no Brasil. Tal fato foi constatado pelo relevante significado adquirido pelo I Encontro de Gestalt-Terapeutas no Rio de Janeiro: um convite à reflexão, ocorrido em junho de 1987.

A principal motivação para a realização do encontro foi a criação de um espaço de compartilhamento, na tentativa de encontrar caminhos viáveis à consolidação da corrente em nosso país, conforme relata Silveira (1996), uma das idealizadoras do evento. Além disso, o evento permitiria uma leitura, um esboço do corpo da Gestalt-terapia no país.

A importância deste evento para o reconhecimento, interação e crescimento da comunidade gestaltista brasileira foi descrita por Frazão (1998):

Na época, pensava-se em reunir os gestalt-terapeutas brasileiros, que se supunha não passarem de 50 ou 60. Mas, para surpresa e alegria de todos, estiveram presentes mais de 150 pessoas! O primeiro encontro representou um marco fundamental para o desenvolvimento da Gestalt-Terapia no Brasil pois (...) demonstrou que éramos muitos e instaurou, ao nível nacional, um rico espaço de trocas e intercâmbio: do conhecimento, da experiência e das habilidades de cada um. Muitos de nós passaram a colaborar, em diferentes níveis, para a formação de Gestalt-terapeutas de outras cidades e estados (p. 50).

Pode-se dizer que, neste momento, havia sido consolidada uma comunidade gestáltica, organizada o suficiente para inaugurar uma nova etapa de sua história: os Encontros Nacionais de Gestalt-Terapia, que passaram, a partir de então, a ocorrer a cada dois anos. Foi assim que o então I Encontro de Gestalt-Terapeutas no Rio de Janeiro: um convite à reflexão adquiriu *status* de I Encontro Nacional de Gestalt-Terapia.

Sintetizando, verificamos que, após a recepção da Gestalt-Terapia no Brasil e a criação de grupos nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília – eixo geográfico em que se desenvolveu a Gestalt-Terapia em seu momento inicial – seguiu-se um



momento de transmissão e questionamentos que levaram à busca de um maior aprofundamento teórico dando origem às produções nacionais e a uma melhor organização dos gestalt-terapeutas enquanto grupo que busca sua identidade.

Consideramos que o desenvolvimento inicial da Gestalt-Terapia no Brasil encerrou seu ciclo a partir destes dois acontecimentos – o início das produções nacionais escritas e a realização do I Encontro Nacional de Gestalt-Terapia. A partir de então, teve lugar o crescente desenvolvimento e amadurecimento que culminaram na consolidação da Gestalt-Terapia no Brasil.

Considerações finais

O presente trabalho permitiu observar que no período em que a Gestalt-Terapia chegou ao Brasil – início da década de 1970 – no âmbito da psicologia clínica havia o predomínio do atendimento clínico privado, individual, com ênfase no referencial psicanalítico. A demanda pelo profissional *psi*, no decorrer das décadas de 1960 e 1970, por sua vez, encontrava-se bastante atrelada às subjetividades produzidas e reforçadas no período da ditadura militar brasileira. Tratava-se, portanto, de um momento em que se cultuava a individualidade, num processo de privilegiar o “mundo interior”.

Considerando-se o eixo Rio – São Paulo, enquanto a maioria dos psicólogos se interessava pela prática clínica, de base psicanalítica, uma outra parcela de profissionais direcionou seu interesse para trabalhos grupais e para a prática psicodramática,.

Os primeiros profissionais a se interessarem pela Gestalt-Terapia encontravam-se situados neste segundo grupo, que não era coeso, o que, até certo ponto, justificou a utilização da nomenclatura comum de “terapias alternativas” para a caracterização de sua prática.

Além disso, uma constatação que se destacou neste trabalho foi a de que a Gestalt-Terapia foi recebida entre nós primeiramente pela prática, a partir das obras traduzidas, durante a década de 1970 e que enfatizavam o aspecto técnico e vivencial da Gestalt-Terapia. Outro meio de acesso à Gestalt-Terapia, nesse momento inicial, ficou a cargo da realização de *workshops* vivenciais, ministrados, em um primeiro momento, por profissionais estrangeiros que vieram ao nosso país realizar as primeiras transmissões de Gestalt-Terapia.

O segundo momento da Gestalt-Terapia no Brasil, conforme analisado, esteve relacionado à transmissão da abordagem por profissionais brasileiros e por fim, o terceiro momento do que denominamos o desenvolvimento inicial da Gestalt-Terapia



no Brasil, esteve relacionado ao surgimento das primeiras produções nacionais escritas, que só vieram a crescer nos anos seguintes.

Foi, pois, o contato com e a partir da prática, prioritariamente, da experimentação, da experiência viva, pulsante, sentida, que tornou possível caminhar um passo adiante, e partir, então para a teorização. Em outras palavras, a Gestalt-Terapia seguiu uma trilha que, tendo início na experiência vivida, – e que se apresentava como novidade – culminou na possibilidade de entendimento, de atribuição de sentido e significado, constituindo dessa maneira, e neste processo, a edificação de seu corpo teórico.

É possível perceber a semelhança entre o processo porque passou a Gestalt-Terapia no Brasil, que foi do vivido à possibilidade de teorização, com o que sugere o método fenomenológico. Assim, podemos dizer que a Gestalt-Terapia, se apresentou, de modo bastante coerente com o método que lhe subjaz. Talvez, de forma intuitiva, tenhamos percorrido esse caminho, em que é a partir da experiência que se torna possível a atribuição do sentido.

Pode-se dizer também que a Gestalt-Terapia que chegou até nós no início dos anos 1970 estava totalmente identificada com a proposta de Perls e somente com o desenvolvimento posterior dessa abordagem, no Brasil, passou-se a considerar a participação e a importância das ideias de Goodman para a Gestalt-Terapia.

Ao construir essa história da chegada da Gestalt-Terapia em nosso país, observou-se que desde seu momento inicial no Brasil, muito se caminhou. Hoje, a Gestalt-Terapia tem seu reconhecimento enquanto uma prática psicoterápica consistente, fundamentada no referencial fenomenológico-existencial. Ocorreu ainda uma expansão para outras áreas da psicologia, o que justifica a designação recente do termo abordagem gestáltica, indicando a aplicação dos princípios gestálticos a diversos contextos de atuação profissional do psicólogo, como o hospitalar, o organizacional, o psicopedagógico, entre outros. Mas isto compete a outro trabalho.

Referências

- Alvim, M. B. (2012). Prefácio à oitava edição. Em J. P. Ribeiro. *Gestalt-Terapia: refazendo um caminho* (pp. 11-14). São Paulo: Summus.
- Baptista, M. T. D. S. (2001). Madre Cristina – Célia Sodré Dória (1916-1997). Em R. H. F. Campos (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros* (pp. 213-216). Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP.
- Baptista, M. T. D. S. (2011). Instituto Sedes Sapientiae – 1975. Em A. M. Jacó-Vilela (Org.). *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil* (pp. 344-346). Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP.



- Barros, P. E. F. (1976). Prefácio da edição brasileira. Em J. O. Stevens. *Tornar-se presente: experimentos de crescimento em gestalt-terapia* (pp. 13-15). São Paulo: Summus. (Novas Buscas em Psicoterapia, vol. 1).
- Barros, P. E. F. (1977). Prefácio da edição brasileira. Em F. S. Perls et al. *Isto é gestalt*. São Paulo: Summus. (Novas Buscas em Psicoterapia, vol. 3).
- Belmino, M. C. (2018). *Fritz Perls e Paul Goodman: duas faces da gestalt-terapia*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Branco, P. A. & Cirino, S. (2017). História da psicologia em contexto: teoria, conceitos e implicações metodológicas. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 5(2), 172-194. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de www.revista.unisal.br/am/index.php/psico/article/view/144
- Ciornai, S. (1991). Gestalt-terapia hoje: resgate e expansão. *Revista de Gestalt*, 1(1), 9-25. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de gestaltsp.com.br/2017/05/09/gestalt-terapia-hoje-resgate-e-expansao-selma-ciornai/
- Ciornai, S. (1996). Considerando saudades: gestalt-terapia de antes, de hoje e de amanhã. *Boletim de Gestalt-terapia do triângulo mineiro*, 1(2), 9-17. Recuperado em 8 de setembro, 2017, gestaltsp.com.br/2017/05/09/considerando-saudades-gestalt-terapia-de-antes-de-hoje-e-de-amanha-selma-ciornai/
- Coimbra, C. M. B. (1995). *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "milagre"*. Rio de Janeiro: Oficina do autor.
- Coimbra, C. M. B. (1999). Práticas "psi" no Brasil do "milagre": algumas de suas produções. Em A. M. Jacó-Vilela, F. Jabur & H. B. Rodrigues (Org.s). *Clio-Psyché: histórias da psicologia no Brasil* (pp. 75-91). Rio de Janeiro: NAPE.
- Esch, C. F. (2012). *Descortinando o passado para vislumbrar o porvir: da gestalt-terapia à abordagem gestáltica no Brasil – 40 anos de histórias*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Frazão, L. M. (1995). A gestalt-terapia. Em S. Ciornai (Org.). *25 anos depois: gestalt-terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil* (pp. 11-22). São Paulo: Ágora.
- Frazão, L. M. (1997). Apresentação à edição brasileira. Em F. Perls, R. Hefferline & P. Goodman. *Gestalt-terapia* (2a ed.; pp. 7-10). São Paulo: Summus.
- Frazão, L. M. (1998). Gestalt-terapia: passado, presente e futuro. *Revista de Gestalt*, 7, 49-54.



- Frazão, L. M. (2004). Pela semente, pelo fruto, pela planta, nossa gratidão... *Revista IGT na Rede*, 1(1). Recuperado em 8 de setembro, 2017, de www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=38
- Gondim, S. M. G., Bastos, A. V. B. & Peixoto, L. S. A. (2010). Áreas de atuação, atividades e abordagens do psicólogo brasileiro. Em A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Org.s). *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 174-199). Porto Alegre: Artmed.
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato* (S. S. Rangel, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em 1987).
- Holanda, A. F. (2009). Gestalt-Terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1), 96-121. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000100009&lng=pt&tlng=pt
- Hollanda, H. B. & Gonçalves, M. A. (1984). *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Tudo é História).
- Juliano, J. C. (1992). Gestalt-Terapia: revisando as nossas histórias. *Revista de Gestalt*, 2, 7-23.
- Karwowski, S. L. (2005). *Gestalt-Terapia e método fenomenológico*. Campinas, SP: Livro Pleno.
- Mancebo, D. (1999). Formação em psicologia: gênese e primeiros desenvolvimentos. Em A. M. Jacó-Vilela, F. Jabur & H. B. Rodrigues (Org.s). *Clio-Psyché: histórias da psicologia no Brasil* (pp. 93-120). Rio de Janeiro: NAPE.
- Perls, L (1994a). Una conversación con Laura Perls: entrevista con Rosenblatt en 1984. Em L. Perls. *Viviendo en los limites* (pp. 19-37). Valencia: Promolibro.
- Perls, L. (1994b). Visiones verdaderas y falsas de la terapia gestalt. Em L. Perls. *Viviendo en los limites* (pp. 139-147). Valencia: Promolibro.
- Pinto, K. P. (2001). A criança é o homem de amanhã: sobre a psicologia e a educação no primeiro governo Vargas. Em A. M. Jacó-Vilela, A. C. Cerezzo & H. B. C. Rodrigues (Org.s). *Clio-psyché ontem: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* (pp. 217-224). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Ramos, E. B. (2009). Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock. *Revista Agora*, 10. Recuperado em 21 de abril, 2012, de periodicos.ufes.br/agora/article/view/1940



- Rehfeld, A. (2007). Paulo Eliezer Ferri de Barros (1946-2006). *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(1), 165-166. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100013&lng=pt&tlng=pt
- Russo, J. A. (1993). *O corpo contra a palavra*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Silveira, T. M. (1996). A moderna gestalt-terapia do Rio de Janeiro. *Presença: Revista Vita de Gestalt-Terapia*, 2(3), 7-17.
- Silveira, T. M. & Prestrelo, E. T. (2009). A história da gestalt-terapia no curso de psicologia da UERJ: um olhar que lhe atribui forma. Em A. M. Jacó-Vilela (Org.). *Psicologia na UERJ: 45 anos de histórias* (pp. 189-198). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Suassuna, D. & Holanda, A. (2009). "*Histórias*" da gestalt-terapia no Brasil: um estudo historiográfico. Curitiba: Juruá.
- Tellegen, T. A. (1972). Elementos de psicoterapia gestáltica. *Boletim de Psicologia*, 24(64), 27-42.
- Tolentino, M. A. (2008). As reformas no Brasil: do capitalismo dependente à "nova dependência" do capital globalizado. *CSONline: Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 2(5), 222-241. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17091
- Velho, G. (1985). Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. Em S. Figueira (Org.). *Sociedade e doença mental* (pp. 37-45). São Paulo: Campus.

Nota sobre as autoras

Cristiane Ferreira Esch. Psicóloga da UERJ. Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UERJ. E-mail: esch.cristiane@gmail.com

Ana Maria Jacó-Vilela. Professora associada da UERJ, coordenadora do Laboratório de História e Memória da Psicologia – Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com

Data de recebimento: 26/04/2018
Data de aceite: 17/06/2019